

Moema de Castro e Silva Olival

Romance explosivo que se tece em “palavras-silêncio” – conceituação que envolve toda a força expressional, incluindo o silêncio-agente, ou seja, aquele que “fala”, e que se impõe no processo da comunicação literária.

Iana sol, Iana sombra, uma que se manifesta, outra que silencia, que se esconde, num recurso de ponto de vista contrapontístico, deixando, “falantes”, as trilhas sonoras de seu silêncio. Assim, Adelice da Silveira Barros esboça as “cores” de uma personalidade complexa, que ela busca historiar neste seu segundo romance, Iana sol e sombra.

Sua técnica narrativa lembra as sendas intimistas de Clarice Lispector, deixando fluir poderoso recurso energético capaz de representar os estratos interiores da intrincada personalidade do ser humano. É o que se presencia, por exemplo, no último romance publicado em vida da referida escritora, A hora da estrela, em que o narrador, Rodrigo S. M., na verdade, o autor-implícito, se expressa, preparando as sombras que esboçarão a enunciação maior: “Esse eu que é vós, pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter em pé, tão tonto que sou, eu enviesado”.

Também deste modo, Adelice nos revela, no seu romance-diário, através de ponto-de-vista complexo, instigante diálogo entre as vozes narradoras, a saber: narrador-inominado que relata a história e que se refere a Iana como personagem, na verdade alter-ego da autora, tratando-a pela terceira pessoa (ela), sendo que esta, por sua vez, como personagem que divide com o narrador as impressões sobre um de seus perfis, deixa falar a Iana-eu, quando, em processo confessional, assume sua própria voz. Tríplice corrente amalgamada em torno de uma personalidade dividida, de um “eu enviesado”. Três vozes em uníssono. Nesse processo de imbricamento dinâmico de vozes, à moda de cut-ups cinematográficos, provocam-se, simultânea-mente, flashes de focos diversos, iluminando cenas diferentes.

O romance também se alimenta de filões preciosos, coadjuvantes do existencial, já referido. Trata-se de uma narrativa que se vale da voz documental da História, sempre vista numa visão crítica, perfazendo marcos que, muitas vezes, registram etapas de evolução não só no plano nacional, quanto, sobretudo, no plano estadual: de sua capital, de seu Estado, como quando, pela memória (não se esquecer da forma, ainda que diluída, de diário), vivem-se episódios de substituição das velhas jardineiras, pelos modernos ônibus, e as impressões nos usuários, ou a marcha da família com Deus pela Liberdade, por exemplo, ou fatos sociais quando registra o clima de segurança que, dialeticamente, ruiu com o progresso.

Em todo o percurso narracional, nota-se a intenção primordial de extrair, dos fatos, as sensações subjetivas, as reflexões existenciais, nas quais busca sintonizar as forças advindas da solidão, condimento com que vai temperar a personalidade de sua personagem, tecida com a força nela exaurida, força da sombra, para ostentar a luz de seu sol. Esta oposição: fragilidade/força permeia o correr de todo o romance, não só através da própria voz de Iana: “Às vezes, sou argila; às vezes sou rocha”, como através dos fatos que se apresentam, sempre, contrapontisticamente, no correr da trama. Iana mira a luz, e, por seus raios, se fortalece.

Nos diálogos de Iana (ela) consigo mesma (eu), carregam-se, não só as descobertas de seu mundo interior, quanto, na simbiose narrador (autor-implícito) personagem (ela-eu) revela-se proposta metalingüística, desvelando a visão da autora-escritora Adelice, como, por exemplo, quando aponta para os percalços que cada obra oferece, na sua trajetória até o leitor: “O melhor dos livros está na fantasia. Na inveracidade de cada obra”. Ou, então: “Gosto quando leio e entendo. E gosto mais quando o verdadeiro sentido me escapa”.

Adelice cria, ludicamente, através de neologismos, novas unidades de uma semântica existencial que reflete estados de ânimo, ou situações especiais, lembrando mais uma vez Clarice Lispector: “Por alguns instantes, Iana volta a vagazonzear no espaço, deslizando num fiapo longínquo de nuvem...”, ou, “De repente se vê sozinha com seus pensamentos. Ouvindo as vozes da natureza, começa a perceber, no movimento das árvores, uma agitação diferente; o vento, num ziguezualvorozoço de bêbado, redemoinha desaprendido do caminho.”

Assim vagazonzeando, Iana vai deixando pistas que nos levam ao seu grande segredo: o medo de ser desvelada sua origem, o remorso por ter, ainda que inadvertidamente, destruído a harmonia da vida conjugal de seus pais.

E, entre sombra e luzes, delinea-se, em narrativa densa e instigante, a tentativa de Iana de explicitar sua “náusea” existencial, neste romance que irá, sem dúvida, consolidar o percurso literário de Adelice da Silveira Barros.